

ESTENDENDO MCLUHAN:
DA ALDEIA À TEIA GLOBAL

COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E TECNOLOGIA

CONSELHO EDITORIAL
DA COLEÇÃO CIBERCULTURA

Adriana Amaral
André Lemos
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Francisco Menezes
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibia
Raquel Recuero
Simone Pereira de Sá
Vinicius Andrade Pereira

CIBER
CULTURA

ESTENDENDO MCLUHAN:
DA ALDEIA À TEIA GLOBAL

COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E TECNOLOGIA

Vinicius Andrade Pereira



Editora Sulina

© Vinicius Andrade Pereira.

Capa:
Vinicius Xavier

Editoração:
Vânia Möller

Revisão do original:
Beatriz Brandão Polivanov

Revisão:
Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica:
Miriam Gress

Editor:
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

P436e Pereira, Vinicius Andrade.
Estendendo McLuhan: da Aldeia à Teia Global - Comunicação, Memória e
Tecnologia/ Vinicius Andrade Pereira. - Porto Alegre: Sulina, 2011.
216 p. (Coleção Ciberultura)

ISBN: 978-85-205-0624-0

1. Sociologia da Comunicação. 2. Meios de Comunicação. 3. Ciberultura.
4. Comunicação Social. 5. Tecnologia – Aspectos
Sociais. 5. Memória. I. Título.

CDU: 316.77
CDD: 301
302.2

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax:(0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Outubro/2011}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Os psicanalistas de plantão – particularmente aqueles que, talvez, em mim habitem – poderão dizer que encontrei no nome de Herbert Marshall McLuhan, o nome do meu próprio pai, Herberto. Daí, quem sabe, o meu interesse pelo pensador canadense. Se assim for, direi que há mais em jogo. O texto todo que se segue irá ressoar de algum modo a figura do meu velho amigo e pai, falecido há dez anos, pois a ele é dedicado.

Imagination is memory.

J. Joyce

*Satellite's gone up to the skies
Things like that drive me out of my mind...*

Lou Reed

Sumário

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I – COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA	
1 Para reafirmar a memória nos estudos da comunicação	27
1.1 Crise da representação e crítica da memória	30
1.2 Memória, escatologia e história	38
2 Informação, significação e memória	45
2.1 O organismo é a mensagem	46
2.2 Semiótica e cibernética	48
2.3 Entropia e auto-organização	53
2.4 A produção de significados como processos de organização	59
3 Comunicação complexa e transmese	65
3.1 A ideia contemporânea de memória	67
3.2 Transmese – memória criativa	74
3.3 Criação, imaginário e simbólico	78
4 Linguagem e tecnologia: extensões mnêmicas e comu- nicacionais	83
4.1 Fala e tecnologias de comunicação	90
4.1.1 Fala e culturas orais	91
4.2 Culturas letradas	96
4.2.1 As talhas	96
4.2.2 As fichas toquem	97
4.2.3 Logogramas, números abstratos e escrita	100
4.2.4 Placas de argila	101
4.2.5 Os silábrios e o alfabeto greco-romano	101
4.3 Tecnologias eletrônicas	102
PARTE II – ESTENDENDO MCLUHAN	
5 A <i>memória</i> de McLuhan	107
5.1 Figuras mcluhanianas: meios e extensões	108
5.2 Fundos mcluhanianos: consciência e memória	113

5.3	Consciência como figura, memória como fundo ..	117
6	O meio é a memória	127
6.1	Meio X conteúdo	131
6.2	Conteúdo, significado e mensagem	136
7	A teia global – McLuhan e hiperâmídias	147
7.1	Aldeia global ou a teia global	151
7.2	Rede e hiperâmídia	155
7.3	Tendências das tecnologias de comunicação e das hiperâmídias	158
7.3.1	Tendência à redução da energia corporal investida no ato da comunicação. Princípio da economia energética na comunicação	159
7.3.2	Tendência à complexidade crescente quanto à capacidade de estocar informações. Princípio da excelência mnêmica	160
7.3.3	Tendência à invisibilidade da tecnologia comunicacional. Princípio da excelência interfacial	161
7.3.4	Tendência para absorver e reatualizar a tecnologia comunicacional anterior. Princípio da hibridação midiática	163
7.3.5	Tendência ao aumento da independência quanto às determinações impostas pelas variáveis espacial e temporal para a comunicação. Princípio da relatividade espaço-temporal	163
7.3.6	Tendência à multidirecionalidade das mensagens. Princípio da multidirecionalidade	164
7.4.	Hiperâmídias e transmnese	165
7.5.	Hiperâmídias e novo modelo de comunicação	176
	CONCLUSÃO	181
	NOTAS	193
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211

PREFÁCIO

O trabalho de Vinicius Andrade Pereira propõe novos e interessantes elementos para se pensar a comunicação, considerando que a pesquisa nesse campo quase sempre se caracterizou como investigação sobre os discursos veiculados pelos meios e seus sentidos. A partir de cuidadosa leitura de McLuhan, Vinicius produz uma reflexão comprometida com o que poderíamos definir como uma tradição ‘materialista’ do pensamento comunicacional; tradição que a Escola de Toronto soube explorar de forma magistral. Não se trata, evidentemente, de substituir as tradicionais práticas interpretativas por uma renovada atenção aos impactos materiais dos meios tecnológicos. O que se propõe, antes, é a complementação dos procedimentos hermenêuticos por meio de uma perspectiva baseada na consideração dos modos como as diferentes materialidades mediais condicionam respostas cognitivas. Como reza a célebre sentença de McLuhan, “o meio é a mensagem”.

Todavia, seria um equívoco reduzir a pesquisa de Vinicius a uma competente recensão da obra do pensador canadense. O que realça na leitura de *Estendendo McLuhan* (e que o próprio título deixou subentendido) é o fato de o autor pensar com e contra McLuhan, em lugar de apenas a partir dele. Um *modus legendi* que nada tem a ver com a perniciosa idolatria intelectual que muito frequentemente se devota a determinados teóricos ou ideias em nosso meio, mas sim com uma forma de admiração que só tem sentido quando também é produtora de tensionamentos. O perigo

de um pensador forte como McLuhan está precisamente na conversão de suas teses em dogmas religiosos. Ou então, como adverte Douglas Coupland em seu recente estudo *Marshall McLuhan: You Know Nothing of my Work*, no estabelecimento de suas ideias em princípios universais, “como uma canção cuja melodia todos nós conhecemos, mas não a letra completa, de modo que lemos nele [o autor] o que quer que nos venha à mente”.

Nesse sentido, o foco no tema específico da memória só colabora para ampliar o brilhantismo e a ousadia intelectual da empresa de Vinicius. Vale destacar, inclusive, que o tema da memória, fundamental para McLuhan (assim como para outro pensador de linhagem “profética”, Vilém Flusser), recebeu igualmente escassa atenção no domínio dos estudos de comunicação. Entendidas, eminentemente, como meios de transmissão de informação, as tecnologias comunicacionais foram até o momento pouco consideradas em sua dimensão “arquivística”. Não surpreende, por exemplo, que hoje, no âmbito das novas teorias de mídia (Friedrich Kittler, Wolfgang Ernst, Siegfried Zielinski etc.), a questão das tecnologias midiáticas seja repensada a partir do prisma do armazenamento e registro. Para Kittler, os meios são, acima de tudo, “sistemas de notação” (Aufschreibesysteme), depósitos de memória cultural e fontes de práticas e discursos que se inscrevem nos corpos dos sujeitos.

É certo que tal perspectiva envolve uma dimensão algo sombria para os arautos tardios do humanismo clássico. Mas se Vinicius ainda sente a necessidade de defender McLuhan das desgastadas acusações de “determinismo tecnológico”, como faz na conclusão de seu trabalho, um autor como Kittler já não apresenta nenhuma espécie de

pudor em afirmar categoricamente que “os meios determinam nossa situação”. Como havia notado antes McLuhan, os meios não apenas se constituíram no lócus por excelência da nossa memória cultural, senão que também se tornaram responsáveis por modelar nossas formas de relação com o mundo e com os outros. Desse modo, os “exageros” de McLuhan dever-se-iam não apenas à necessidade do pensador original demarcar seu campo de atuação, como explica inteligentemente Vinicius, mas também a uma aguda percepção dos cenários futuros da sociedade tecnológica. Se hoje etiquetar alguém como tecnodeterminista ainda é “um pouco como dizer que tal pessoa gosta de estrangular lindos filhotinhos de cachorro” (G. Winthrop-Young, *Kittler and the Media*), a acusação parece perder força progressivamente à medida que se consolidam os debates sobre o tema do pós-humanismo. Sobre nosso futuro, que ora se nos apresenta como assustador, ora como paradisíaco, mas que com toda certeza será tecnológico, um pensador como McLuhan ainda tem muito a dizer. E estendendo seu pensamento, Vinicius nos brindou com um estudo que escapa dos tradicionais reducionismos e abre à pesquisa comunicacional novos e fascinantes horizontes. Como teóricos dos meios confrontados com a espantosa complexidade do atual mundo tecnocultural, talvez nos faça bem um exercício de modéstia intelectual. Pode ser que sejamos mesmo anões, que só conseguem enxergar melhor e mais longe por estarem assentados nos ombros de gigantes como McLuhan...

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 2011.

Erick Felinto